COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

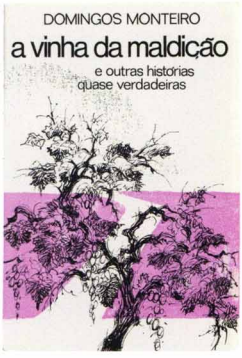
Domingos Monteiro: A Vinha da Maldição e Outras Histórias quase Verdadeiras (capa)

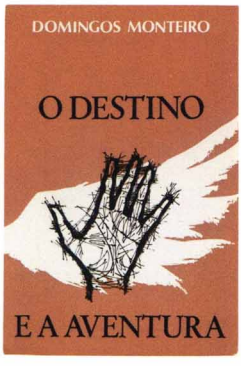
Para citar este documento / To cite this document:

"Domingos Monteiro: A Vinha da Maldição e Outras Histórias quase Verdadeiras (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 144.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN





gonhado»), e terminam com um hino desencantado ao machismo dos pequenos meios rurais («Desafronta»). A iniciação sexual do adolescente masculino regressa com «Preciso de Uma Estrela», de *Histórias do Mês de Outubro* (1967), à qual se junta novo caso de esquizofrenia («A Casa Circular»), a hesitação entre o real e o irreal («A Estrada Que não Vai Dar a Parte Nenhuma») e, por fim, o elogio da produtividade do ódio, face à incapacidade para o amor («O Inimigo»). O tema da maldição domina dois dos textos do volume de 1969, *A Vinha da Maldição e Outras Histórias quase Verdadeiras*: num caso, prende-se com a querela entre uma grande proprietária rural e um vizinho, pequeno lavrador, a propósito do direito deste ao «caminho da tumba» (percurso do caixão a caminho do cemitério), que aquela lhe nega («A Vinha da Maldição»); no outro, trata-se da lepra como doença hereditária votando à exclusão e à morte até os potenciais portadores («A Doença»). Pelo meio ficam contributos pouco estimulantes como o começo dos amores entre um estudante e uma viúva vítima de maus tratos («O Instinto e a Vida»), o episódio da bela argelina partidária da França que seduz o português bem mais velho por ele lhe lembrar de início o pai, morto às mãos dos independentistas argelinos («A Matadora»), e ainda uma história de caça sobre o destino da fiel Diana votada às garras dum lobo para salvar o dono («A Morte de Diana, a Caçadora»). O volume que inicia a década de 70 (*O Vento e os Caminhos*) põe a tónica na viagem aventurosa para fuga a amores impossíveis («A Minha Tia Angelina») ou a uma vida programada pela tradição («O Vento e os Caminhos»). Para além de um episódio moralizante sobre o valor absoluto do falar verdade («A Verdade»), ensaia o tratamento corajoso, à margem da moral da época, do suicídio, de um suicídio anunciado, em que a testemunha não intervém para o evitar por respeito pela circunstância do suicida («A Morte É Um Facto Natural»). O tema da aventura é retomado no volume seguinte (*O Destino e a Aventura*, 1971), seja na persistência de um advogado à força que cumpre o sonho de ser engenheiro e inventor («O Senhor Engenheiro»), seja na demanda de novos horizontes no Brasil («O Gramofone», que se aproxima de «A Doença, de *A Vinha da Maldição*», pela representação daquele país como espaço de possibilidades ilimitadas). Dois casos raros na obra de Domingos Monteiro juntam-se neste volume: um episódio da guerra colonial e seus traumas no soldado português («O Canteiro de Estremoz»), e o aproveitamento de traços autobiográficos para a história do advogado que dá boleia a um vidraceiro que só não o mata por reconhecer nele quem o defendera após greves revolucionárias («A Boleia»)[15]. A visão de uma natureza animificada convivendo em tensão com a humana pode considerar-se o interesse dominante dos dois últimos livros de Domingos Monteiro. A história de amor entre a «última sacerdotisa da Ibéria» e um advogado, com um cão-lobo